

Observatório da economia global

Textos Avulsos – nº.2 – Abril, 2010

O EXPRESSO DO ORIENTE. REDISTRIBUINDO A PRODUÇÃO E O COMÉRCIO GLOBAIS

Antonio Carlos Macedo e Silva¹

Introdução

O objetivo deste artigo é descrever algumas das transformações que vêm ocorrendo, durante a “era da globalização”, no âmbito da produção e do comércio internacional de bens. Por “era da globalização” entende-se o período em que se introduzem e generalizam as chamadas reformas neoliberais, conformando uma nova institucionalidade, baseada no dismantelamento de arranjos socioeconômicos do período precedente (a “era de Bretton Woods”) e exibindo, entre outras características marcantes, a liberalização financeira, a integração produtiva e a abertura comercial.²

Além dos valores globais, o artigo apresenta dados relativos a várias regiões (geográficas e/ou conforme o grau de desenvolvimento) e a alguns dos principais países desenvolvidos e em desenvolvimento, entre os quais o grupo BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China). Para facilitar as comparações, fez-se um esforço para utilizar, sempre que possível, a classificação geoeconômica empregada pelo FMI, aplicando-a

¹ Professor do Instituto de Economia / Unicamp, pesquisador do Cecon e bolsista do IPEA/PNPD. O autor agradece os comentários de Ricardo Carneiro e Marcos Antonio Macedo Cintra, os dados disponibilizados por Alex Izurieta e a ajuda de Eduardo Alvarenga Melo, bolsista do CNPq/PIBIC.

² Na descrição dos dados empíricos, define-se, grosseiramente, o ano de 1980 como o da passagem de uma a outra era.



a dados provenientes de outras fontes, como o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio. A clivagem básica empregada pelo primeiro – e aqui reiterada – contrapõe, em primeiro lugar, “economias avançadas” a “economias emergentes e em desenvolvimento”.³

O artigo está dividido em três seções, além desta introdução. A primeira seção concentra-se no crescimento e na distribuição do produto global entre países e regiões. Procedimentos semelhantes são empregados na análise do comércio internacional, objeto da segunda seção, que trata também da intensidade tecnológica dos bens transacionados. Uma terceira seção, à qual se segue breve conclusão, descreve dados relativos às contas correntes e comerciais de regiões e países selecionados.

1 Crescimento e Produção

A “era da globalização” foi muitas vezes descrita como uma conjunção de fenômenos virtuosos: crescimento, estabilidade e convergência. De fato, resultados notáveis – mas não necessariamente inusitados – foram registrados: o crescimento foi dos mais elevados na história do capitalismo; a volatilidade tendeu a cair; a geografia econômica sofreu enorme transformação, com o aumento expressivo da participação dos países em desenvolvimento no crescimento do produto interno bruto (PIB) e do comércio globais. Entretanto, a intensidade da crise financeira e de seu impacto sobre

³ O FMI apresenta os dados de 33 economias avançadas e 149 “emergentes e em desenvolvimento” (ou, para simplificar, “em desenvolvimento”). Numa opção tanto mais discutível quanto mais longa a série temporal considerada, o fundo agrega os quatro NIC asiáticos (Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong) ao grupo das primeiras. Os sub-grupos constituídos por (ou em que predominam) economias avançadas são os seguintes: G7, União Europeia (27 países), Eurolândia (16 países) e outras economias avançadas (inclui os Nics asiáticos, Austrália e Nova Zelândia, Israel e economias europeias menores que não adotaram o euro, i.e., República Tcheca, Dinamarca, Islândia, Noruega, Suécia e Suíça). A União Europeia e a Eurolândia incluem países do Leste Europeu que também fazem parte do grupo de economias em desenvolvimento. Este é, por sua vez, dividido em África (50 países, dos quais 47 subsaarianos), Ásia em Desenvolvimento (26 países, 5 dos quais – Filipinas, Indonésia, Malásia, Tailândia e Vietnã – integram o Asean5), Europa Central e Oriental (15 países, Turquia inclusive), Hemisfério Ocidental (32 países da América Latina e do Caribe, referidos no texto, para simplificar, como América Latina) e Oriente Médio (14 países). A classificação de países do FMI pode ser consultada em www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2009/02/weodata/weoselagr.aspx.

o crescimento pede um esforço no sentido de situar mais adequadamente esses resultados no tempo e no espaço (além de sugerir maior atenção aos poucos e persistentes intérpretes que procuraram compreender as fragilidades do arranjo econômico e institucional predominante).⁴

Tabela 1
Crescimento real do PIB global (taxa geométrica)

	1950-1980	1980-2008	2000-2008
Maddison/Conference Board ¹	4.5	3.4	4.5
Banco Mundial ²	4.6	3.0	2.9
IMF ³	4.2	3.5	3.7
MEMO:			
Maddison/Conference Board, PIB <i>per capita</i> ¹	2.7	2.0	3.4

Fonte: Maddison/Conference Board Total Economy Database, WB/WDI, IMF/IFS.

Elaboração própria.

Notas:

¹ US\$ de 1990, PPP.

² US\$ constantes de 2000, 1960-1980 para o primeiro período.

³ 1968-1980 para o primeiro período.

É interessante começar por uma rápida análise do crescimento econômico. A Tabela 1 apresenta várias estimativas das taxas médias anuais de crescimento do produto real global.

A série mais longa⁵ mostra que, durante a chamada “era de Bretton Woods” – aqui assimilada ao período 1950-1980 – a taxa de crescimento superou largamente aquela da era da globalização. O mesmo se verifica no caso das séries do Banco Mundial (cujos dados, porém, começam em 1960) e do FMI (dados a partir de 1968).⁶ Na última coluna, fica claro que, no período mais recente, de 2000 a 2008, houve uma aceleração do crescimento.

⁴ Ver, por exemplo, Godley (1999).

⁵ Calculada originalmente por Angus Maddison (ver, por exemplo, 2001) e agora atualizada pelo Conference Board.

⁶ Outra diferença importante entre a série Maddison/Conference Board e a do Banco Mundial é que a primeira inclui, desde o início, todos os países do antigo bloco socialista, ao passo que, na segunda, os números para o bloco têm muitas lacunas até o início dos anos 1990.

É bem verdade, porém, que o “ciclo imobiliário” dos últimos anos registrou a mais alta taxa de crescimento do PIB PPP (isto é, medido com base na paridade de poder de compra)⁷ *per capita* global. O resultado, embora significativo, pelo que implica em termos de bem-estar, reflete antes a desaceleração do crescimento populacional do que o crescimento do produto global.

A “era da globalização” é subdividida em períodos na Tabela 2, que separa os anos de “recessão” global⁸ – coincidentes, não por acaso, com anos de recessão (*stricto sensu*) na economia norte-americana – dos períodos de retomada do crescimento. A cronologia adotada ratifica a percepção do ciclo recente como uma fase de intenso crescimento. Mostra, além disso, que a aceleração do crescimento, na comparação entre 1992-2000 e 2002-2008, passou ao largo dos países avançados (à exceção do Japão), concentrando-se nas economias em desenvolvimento. Na Ásia, que já crescia à fabulosa taxa anual de 7,5% a.a., a aceleração (para 8,7% a.a.) foi menos pronunciada. O contraste entre as duas fases de crescimento foi maior em outros grupos, como (obviamente) na Comunidade de Estados Independentes (que sofrera crescimento negativo no período anterior), na África (cuja taxa mais do que dobrou), na Europa Central e Oriental e, mais modestamente, na América Latina (que logrou um aumento de quase 30% em sua taxa de crescimento). Essa aceleração do crescimento, como se verá, teve um impacto negativo importante sobre a balança comercial de várias regiões e países em desenvolvimento.

⁷ Diferentes procedimentos metodológicos podem ser utilizados para permitir a comparação entre economias (cuja atividade econômica é, primariamente, registrada em moeda local): taxas de câmbio correntes, dólares constantes e paridade de poder de compra. As taxas de paridade de poder de compra procuram converter o produto em uma medida comum (por exemplo o dólar) eliminando as diferenças de preços nos vários países, isto é, supondo que um dólar pode adquirir a mesma cesta de bens e serviços em qualquer país. Uma introdução ao tema pode ser encontrada em Schreyer e Koechlin (2002).

⁸ Na ausência de séries trimestrais – e, além disso, tendo em vista o fato de que normalmente o crescimento anual da economia global é positivo, ainda que algumas de suas principais economias apresentem dois ou mais trimestres de crescimento negativo – os analistas acostumaram-se a designar por “recessões” globais os anos em que as taxas de crescimento são inferiores a 3% ou 2.5%. Tal praxe fornece uma moldura adequada para se entender o significado da contração estimada pelo FMI para o PIB global em 2009, de -0,8%.

Tabela 2
 Variação real anual do PIB, mundo, países e regiões:
 anos de desaceleração e períodos de retomada do crescimento (%)

	1982	1983-1990	1991	1992-2000	2001	2002-2008	2009	2010
Economias avançadas	0.2	3.8	1.3	3.0	1.4	2.2	-3.2	2.1
G7	-0.1	3.8	1.1	2.8	1.2	1.9	-3.6	1.3
Estados Unidos	-1.9	4.0	-0.2	3.8	1.1	2.3	-2.5	2.7
Japão	3.4	4.9	3.3	0.9	0.2	1.4	-5.3	1.7
Alemanha	-0.8	3.0	5.0	1.7	1.2	1.2	-4.8	1.5
União Européia	0.9	2.8	0.8	2.3	2.1	2.2	-4.0	1.0
Eurolândia	nd	nd	nd	2.1	1.9	1.7	-3.9	1.0
Outras economias avançadas	2.0	4.9	2.6	4.4	1.4	3.7	-1.3	3.3
NICs asiáticos	5.5	8.6	8.1	5.9	1.2	4.6	-1.2	4.8
Economias em desenvolvimento	2.2	3.6	1.7	3.8	3.8	6.8	2.1	6.0
Ásia em Desenvolvimento	5.6	6.9	6.1	7.5	5.8	8.7	6.5	8.4
China	9.0	9.8	9.2	10.6	8.3	10.5	8.7	10.0
Índia	4.1	5.7	2.1	6.0	3.9	7.8	5.6	7.7
Asean5	4.0	5.5	6.4	4.5	2.8	5.6	1.3	4.7
América Latina e Caribe	-0.6	1.8	3.9	3.2	0.7	4.1	-2.3	3.7
Brasil	0.6	2.4	1.0	2.7	1.3	3.9	-0.4	3.7
México	-0.5	1.4	4.2	3.4	-0.2	2.8	-6.8	4.0
CEI	4.0	3.1	-6.3	-4.1	6.1	7.2	-7.6	3.8
Rússia	nd	nd	nd	-2.3	5.1	6.7	-9.0	3.6
Europa central e oriental	1.2	2.5	-6.4	2.9	0.2	5.4	-4.3	2.0
África	1.8	2.3	0.7	2.6	4.9	6.0	1.9	4.3
África sub-saariana	0.6	2.1	0.3	2.6	5.0	6.4	1.6	4.3
África do Sul	-0.4	1.3	-0.4	2.1	2.7	4.3	-2.2	1.7
Oriente Médio	-0.1	2.4	7.9	3.6	2.5	5.6	2.2	4.5
Mundo	0.9	3.7	1.5	3.3	2.3	4.2	-0.8	3.9
Memo: Comércio internacional (volume)	nd	6.5	4.4	7.4	0.2	6.7	-12.3	5.8

Fonte: IMF/WEO. Elaboração própria. Estimativas e previsões (respectivamente) para 2009 e 2010 corrigidas de acordo com o *update* do WEO de 26/1/2010 (com a exceção dos números para o G7, não fornecidos pelo FMI). Elaboração própria.

Nos primeiros anos da década corrente, vários analistas constataram que, a partir dos anos 1980, deu-se, *nas economias avançadas*, uma queda na volatilidade da taxa de crescimento do produto (como também na volatilidade da taxa de inflação), a qual caracterizaria a “grande moderação” (Stock & Watson, 2003). A Tabela 3,⁹ atendo-se aos dados de crescimento do produto, traz números que corroboram essa percepção (com a exceção marcante do Japão). Mas a tabela sugere, também, que o período 1980-2008 foi marcado por um aumento da volatilidade no grupo dos países em desenvolvimento; o coeficiente de variação caiu na Ásia em desenvolvimento, mas aumentou na América Latina, na África e no Oriente Médio. Só no período mais

⁹ Stock e Watson (2003) utilizam outros indicadores (como o desvio-padrão) e técnicas econométricas. Além disso, comparam os períodos 1960-1983 a 1984-2002. Como a inclusão dos primeiros anos da década de 1980 (marcados pelo choque Volcker nos juros norte-americanos) aumenta substancialmente a volatilidade de qualquer período (seja ele 1960-1983 ou 1980-2008), optou-se aqui por desconsiderá-los.

recente, descrito pela última coluna, verifica-se uma queda na volatilidade das economias em desenvolvimento, tomadas como um todo; destaque-se, porém, o fato de que, na América Latina (e no Oriente Médio), a volatilidade aumentou ainda mais (apesar de sua diminuição no Brasil e no México).

Tabela 3
Coeficiente de variação das taxas de crescimento do PIB
(US\$ constantes de 2000)

	1961-1980	1984-2008	2001-2008
Economias avançadas	0.58	0.39	0.43
G7	0.64	0.42	0.48
Estados Unidos	0.62	0.47	0.46
Japão	0.52	0.93	0.96
Alemanha	nd	0.70	0.90
União Européia	1.38	0.53	0.44
Eurolândia	1.66	0.52	0.52
Outras economias avançadas	1.18	0.43	0.35
NICs asiáticos	0.36	0.63	0.32
Economias em desenvolvimento	0.42	0.46	0.28
Ásia em Desenvolvimento	0.72	0.23	0.18
China	1.94	0.28	0.15
Índia	1.04	1.28	0.28
Asean-5	0.25	2.28	0.23
América Latina e Caribe	0.33	0.84	0.90
Brasil	0.50	0.90	0.51
México	0.35	1.05	0.71
CEI	nd	nd	0.16
Rússia	nd	nd	0.18
Europa central e oriental	nd	nd	0.53
África	0.41	0.52	0.19
África sub-saariana	0.48	0.56	0.25
África do Sul	0.49	0.85	0.26
Oriente Médio	1.60	1.86	10.04
Mundo	0.34	0.30	0.36

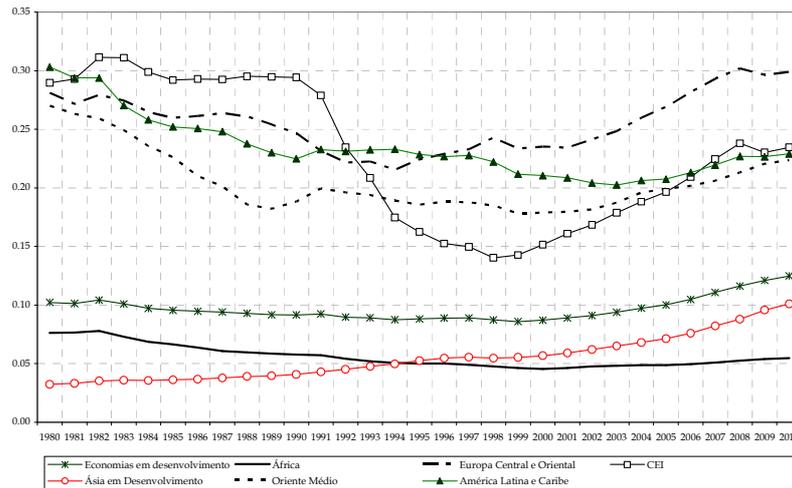
Fonte: World Bank, World Development Indicators.
Elaboração própria.

Não seria pertinente, para os propósitos deste artigo, introduzir a complexa discussão em torno aos vários conceitos de “convergência”.¹⁰ Emprega-se aqui um indicador muito simples: a razão entre o PIB PPP *per capita* de regiões e países

¹⁰ Ver, a respeito, por exemplo, Islam (2003).

selecionados e o PIB PPP *per capita* norte-americano, comparando, assim, a renda dos “indivíduos médios” nos lugares considerados.¹¹

Gráfico 1
Razão entre o PIB PPP *per capita* de regiões selecionadas e o dos Estados Unidos, 1980-2010)

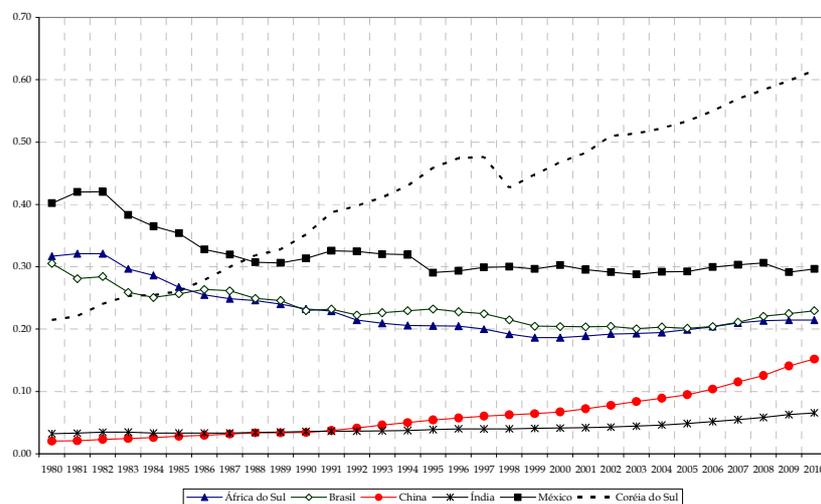


Fonte: IMF/WDI. Elaboração própria.

O Gráfico 1 sugere que a era da globalização, quando se toma o conjunto das economias em desenvolvimento (que, vale lembrar, exclui, para o FMI, os quatro NIC asiáticos), foi caracterizada por *divergência* até 1999. Só a partir desse ano a razão entre os produtos *per capita* começou a aumentar. A divergência inicial é explicada, no essencial, pelos reveses sofridos pelo antigo bloco socialista e pela América Latina. Dos blocos considerados, só a Ásia em desenvolvimento exibiu uma tendência persistente à convergência.

¹¹ Relacionando-se, portanto, com a noção de “desigualdade internacional não ponderada” da renda (nos termos de Milanovic, 2005).

Gráfico 2
Razão entre o PIB PPP *per capita* de países selecionados
e o dos Estados Unidos, 1980-2010)



Fonte: IMF/WDI. Elaboração própria.

O Gráfico 2 complementa as informações, contrapondo a invejável performance sul-coreana à instabilidade de Brasil, México e África do Sul e à “decolagem” - a partir de níveis iniciais de produto *per capita* muito inferiores - de China e Índia. O crescimento asiático é o principal responsável pela significativa desconcentração da renda global verificada, em especial, a partir de finais dos anos 1980 - mas essa responsabilidade é tamanha que, excluída a China, medidas de desigualdade como os coeficientes de Gini e de Theil (ver Milanovic, 2005 e Macedo e Silva, 2007) passam a acusar, para a maior parte do mesmo período, um movimento na direção oposta.

Obviamente, o indicador de convergência aqui empregado torna-se pouco esclarecedor quando o que se deseja é aquilatar a importância, para a economia global, das taxas de crescimento obtidas pelo mundo em desenvolvimento e, em especial, pelos países asiáticos. Para isso, é interessante examinar tanto a *participação* no produto global quanto a *contribuição* para o crescimento do mesmo.

Na Tabela 4, os números do produto agregado são, mais uma vez, calculados com base na paridade de poder de compra. Como se pode observar, a participação no produto global dos países em desenvolvimento começou a aumentar – a princípio lentamente – após 1995. O processo ganhou maior velocidade após 2000; entre esse ano e (nas estimativas do FMI) o ano de 2009, o bloco dos países em desenvolvimento conquistou uma fatia de 9,2 pontos percentuais do produto global. Na previsão do FMI, a participação do bloco superaria a dos países avançados em 2013 – ou já em 2010 se, como ainda fazem muitos, consideram-se os NIC asiáticos como países em desenvolvimento.¹²

É interessante destacar o fato de que, até 1995, o ganho de participação asiático se deu fundamentalmente em contrapartida à retração de outras regiões em desenvolvimento; só após 2000 a contrapartida tomou a forma de uma queda da fração dos países desenvolvidos. Entre esse ano e 2009, contudo, a Ásia respondeu por 74% do ganho de participação dos países em desenvolvimento, correspondentes a 6,8 pontos do produto global, tendo sido os 2,4 pontos restantes divididos entre as demais regiões. É reveladora a comparação entre os números de 1985 e de 2008: entre as duas datas, caiu a participação da América Latina e do antigo bloco socialista, enquanto a participação africana permaneceu estável.¹³

¹² Vale lembrar que, em 2005, novos cálculos alteraram de forma substancial os valores do PIB PPP. Na metodologia anterior, estimava-se que, já em 2004, o PIB do mundo em desenvolvimento (inclusive NICs) superava o dos países desenvolvidos. Ver, sobre as implicações da mudança, Milanovic (2009).

¹³ No caso da América Latina, a maior perda de participação global (-0,9 ponto) se deu no quinquênio 1980-1985, não mostrado na tabela.

Tabela 4
Participação no PIB PPP global: países e regiões (%)

	1985	1990	1995	2000	2005	2008	2009	2010
Economias avançadas	63.7	64.0	64.0	62.9	58.6	55.1	53.7	52.6
G7	51.1	51.0	50.5	49.0	45.2	42.0	40.8	39.8
Estados Unidos	23.0	22.7	23.0	23.5	22.1	20.6	20.0	19.6
Japão	8.5	9.0	8.7	7.7	6.9	6.3	6.2	6.0
Alemanha	5.6	5.6	5.6	5.2	4.5	4.2	4.1	4.0
União Européia	27.8	27.2	26.0	25.2	23.3	22.0	21.5	21.0
Eurolândia	nd	nd	19.3	18.5	16.7	15.7	15.2	14.8
Outras economias avançadas	6.3	6.7	7.4	7.5	7.4	7.3	7.3	7.3
NICs asiáticos	2.0	2.6	3.4	3.6	3.6	3.7	3.7	3.7
Economias em desenvolvimento	36.3	36.0	36.0	37.1	41.4	44.9	46.3	47.4
Ásia em Desenvolvimento	8.6	10.1	13.5	15.2	18.3	21.0	22.0	22.9
China	2.9	3.6	5.7	7.2	9.5	11.4	12.1	12.7
Índia	2.5	2.8	3.2	3.6	4.2	4.8	4.9	5.1
América Latina e Caribe	9.3	8.6	9.1	8.8	8.5	8.6	8.6	8.7
Brasil	3.3	3.1	3.2	2.9	2.8	2.8	2.9	2.9
México	2.6	2.4	2.3	2.5	2.3	2.2	2.2	2.2
CEI	7.7	7.6	4.0	3.6	4.2	4.6	4.6	4.7
Rússia	n/a	n/a	3.0	2.7	3.0	3.3	3.3	3.4
Europa central e oriental	3.9	3.6	3.2	3.4	3.6	3.6	3.6	3.7
África	3.1	2.9	2.7	2.7	3.0	3.1	3.2	3.2
África sub-saariana	2.4	2.3	2.1	2.1	2.3	2.4	2.5	2.6
África do Sul	0.9	0.8	0.7	0.7	0.7	0.7	0.7	0.7
Oriente Médio	3.7	3.2	3.5	3.5	3.9	4.0	4.2	4.2

Fonte: FMI, base do World Economic Outlook. Elaboração própria.

A metodologia da paridade de poder de compra, como se sabe, infla de forma significativa o produto dos países mais pobres.¹⁴ É mais adequada para uma análise do bem-estar das populações do que para uma avaliação do tamanho relativo das economias nacionais e de suas interações na economia global. Desse ponto de vista, é preferível consultar números como os apresentados na Tabela 5, medidos a dólares constantes de 2000.¹⁵

Empregando-se essa metodologia, resulta que o ganho de participação relativa por parte das economias em desenvolvimento, embora importante, partiu de um patamar inferior (20,6% em 2000, contra 37,1% no cálculo que emprega a PPP) e foi menos intenso. Entre 2000 e 2008, o grupo conquistou 4,9 pontos do PIB global, passando a responder por 25,5% (e não 44,9%) daquele.¹⁶

¹⁴ Há uma discussão detalhada no capítulo 2 do livro de Milanovic (2005).

¹⁵ Vale dizer, os dados de PIB real em unidades constantes das moedas locais são convertidos em dólares usando o vetor de taxas de câmbio de 2000.

¹⁶ Os dados do IMF/WEO, que comparam os produtos a preços e taxas de câmbio correntes, resultam em proporções semelhantes: no ano de 2008, 69,3% do PIB global couberam aos países desenvolvidos e 30,7% aos países em desenvolvimento.

Tabela 5
Participação no PIB global (medido a dólares constantes de 2000), países e regiões (%)

	1985	1990	1995	2000	2005	2008
Economias avançadas	83.8	81.5	80.4	79.3	76.6	74.4
G7	71.4	68.9	67.7	66.3	63.6	61.4
Estados Unidos	31.2	29.6	29.8	30.9	30.4	29.5
Japão	16.9	17.3	16.6	14.8	13.8	13.1
Alemanha	6.8	6.5	6.4	6.0	5.4	5.3
União Européia	29.2	28.5	27.4	26.8	25.6	25.0
Eurolândia	22.0	21.1	20.4	19.8	18.6	18.1
Outras economias avançadas	5.8	6.2	6.5	6.6	6.8	6.9
NICs asiáticos	1.5	1.8	2.2	2.3	2.5	2.6
Economias em desenvolvimento	16.1	18.4	19.4	20.6	23.3	25.5
Ásia em Desenvolvimento	4.1	4.6	6.3	7.2	9.2	11.0
China	1.6	1.9	3.0	3.8	5.3	6.6
Índia	1.1	1.1	1.3	1.5	1.8	2.1
Asean5	1.1	1.3	1.6	1.5	1.7	1.9
América Latina e Caribe	4.6	4.0	4.3	4.4	4.3	4.6
Brasil	2.4	2.1	2.2	2.0	2.1	2.2
México	2.0	1.7	1.7	1.8	1.8	1.8
CEI	nd	2.3	1.2	1.1	1.4	1.6
Rússia	nd	1.6	0.9	0.8	1.0	1.1
Europa central e oriental	nd	2.0	1.8	1.9	2.1	2.2
África	1.6	1.5	1.4	1.4	1.6	1.7
África sub-saariana	1.2	1.1	1.1	1.1	1.2	1.3
África do Sul	0.5	0.5	0.4	0.4	0.4	0.5
Oriente Médio	1.8	1.6	1.8	2.1	2.2	1.7

Fonte: WB/WDI. Dados reagrupados de forma a reproduzir a classificação de países do FMI. Elaboração própria.

Entretanto, a *contribuição* das economias em desenvolvimento ao crescimento do PIB global (medido novamente por dólares constantes de 2000) no período 2001-2008, foi extraordinariamente elevada:¹⁷ 45,5%, muito acima dos 27,2% verificados em 1991-2000. O resultado expressa a combinação entre o peso considerável já atingido por essas economias em 2001 e o diferencial (particularmente elevado nos anos seguintes) entre suas taxas de crescimento e aquelas das economias avançadas. Releve-se, mais uma vez, o crescimento da contribuição asiática, que passou de 14,9% no período 1991-2000 para 26,1% na expansão. O valor foi pouco superior à contribuição norte-americana e mais de quatro vezes superior àquela da América Latina. Estados Unidos e China responderam, sozinhos, por 52% do crescimento no

¹⁷ A contribuição de um país *i* ao crescimento do PIB global Y^g entre *t* e *t*-1 pode ser calculada como $(Y^i_t - Y^i_{t-1})/Y^g_t$, contribuição em pontos percentuais, ou $(Y^i_t - Y^i_{t-1})/(Y^g_t - Y^g_{t-1})$, contribuição ao total do crescimento (utilizada nas tabelas deste texto).

período 1991-2000 e 41,2% no período recente. Neste, à exceção do Oriente Médio, a contribuição ao crescimento cresceu em todas as regiões em desenvolvimento.

Feito esse breve levantamento acerca das principais tendências relativas ao crescimento econômico, pode-se passar à análise do comércio internacional.

Tabela 6
Contribuição (%) ao crescimento do PIB global (em dólares constantes de 2000)

	1982-1990	1991	1991-2000	2001	2001-2008
Economias avançadas	75.9	69.8	72.7	61.0	54.5
<i>G7</i>	63.5	54.4	58.5	41.3	41.3
Estados Unidos	29.1	-3.7	37.1	15.5	24.1
Japão	17.7	37.2	5.5	1.8	6.7
Alemanha	4.8	21.3	3.8	4.9	2.2
União Européia	23.8	22.8	21.5	34.9	16.7
Eurolândia	16.0	35.0	14.9	24.9	10.3
Outras economias avançadas	7.1	8.4	8.1	7.8	8.0
NICs asiáticos	3.3	8.5	3.6	4.7	3.8
Economias em desenvolvimento	23.7	30.5	27.2	40.3	45.5
Ásia em Desenvolvimento	7.3	18.6	14.9	28.8	26.1
China	3.6	11.0	9.7	20.8	17.7
Índia	1.5	0.8	2.5	5.0	4.6
Asean5	1.8	5.8	2.2	2.6	3.1
América Latina e Caribe	1.3	16.1	4.8	-1.1	6.1
Brasil	1.3	2.0	1.8	1.8	2.7
México	0.6	4.7	2.1	-0.2	1.6
CEI	nd	-8.6	-2.2	4.5	3.3
Rússia	nd	-5.3	-1.5	2.8	2.2
Europa central e oriental	nd	-8.0	2.0	-1.0	3.7
África	1.1	1.1	1.2	3.7	2.5
África sub-saariana	0.8	0.6	0.9	2.6	1.9
África do Sul	0.2	-0.3	0.3	0.8	0.6
Oriente Médio	0.5	7.7	3.5	3.1	0.2

Fonte: WB/WDI. Elaboração própria.

2 Comércio internacional

2.1 A evolução do comércio em regiões e países selecionados

Um dos fatos característicos da era da globalização é o aumento da integração comercial entre os países. Nas fases de expansão econômica, o comércio internacional tem crescido a taxas muito superiores àquelas do produto.¹⁸ No

¹⁸ Por outro lado, nos dois últimos anos de recessão global (2001 e 2009), a queda na taxa de crescimento do comércio internacional foi muito superior àquela na taxa de crescimento do PIB global.

período 1983-1990, o crescimento do *volume* de bens e serviços transacionados internacionalmente foi 1.7 vezes superior ao crescimento do produto global; em 1992-2000, foi 2,2 vezes maior; em 2002-2008, a razão foi igual a 1,6 (ver Tabela 1).¹⁹

O que é válido para o mundo como um todo é válido também para os países e regiões considerados na Tabela 7, em que se estima a integração comercial pela relação entre fluxo comercial (exportações mais importações) e PIB. Entre 1980 e 2006 (último ano para o qual há dados completos), a relação passou de 38,5% para 56,8% na economia global. O crescimento mais explosivo (de 33,6% para 87,6%) se deu, como se poderia esperar, na região Leste Asiático e Pacífico, cenário privilegiado de outro fenômeno marcante da era da globalização, que é a constituição de redes internacionais de produção.²⁰ Na América Latina, o aumento foi também importante (apesar da pequena variação ocorrida no caso brasileiro).

Tabela 7
Comércio de bens e serviços (exportações mais importações),
% do PIB de países e regiões selecionados

	1980	1985	1990	2000	2005	2006
Países de alta renda	39.6	39.2	38.1	48.3	52.2	55.3
Alemanha	45.3	51.9	49.7	66.4	76.7	84.7
Estados Unidos	20.8	17.2	20.5	26.3	26.9	28.2
Japão	28.4	25.3	20.0	20.5	27.3	30.9
América Latina e Caribe	27.7	27.6	31.5	41.3	46.1	46.4
Brasil	20.4	19.3	15.2	21.7	26.6	25.8
México	23.7	25.7	38.3	63.9	55.8	57.5
Leste Asiático e Pacífico	33.6	33.1	47.2	66.8	86.9	87.6
China	21.7	24.0	34.6	44.2	69.3	72.0
Coreia	72.0	63.4	57.0	74.3	75.8	78.0
Ásia meridional	20.9	17.4	20.3	30.1	42.8	47.2
Índia	15.6	13.0	15.7	27.4	42.5	47.4
África sub-saariana	62.6	53.8	51.8	63.2	66.6	68.5
África do Sul	62.7	54.0	43.0	52.8	55.6	62.4
Rússia	36.1	68.1	56.7	54.8
Mundo	38.5	38.0	38.3	49.1	54.0	56.8

Fonte: Banco Mundial. World Development Indicators online.
Elaboração própria.

Nota: Fluxos comerciais e produto em dólares correntes.

¹⁹ Em compensação, a sensibilidade do comércio internacional à *desaceleração* do produto global aumentou brutalmente, como se pode depreender dos dados de 2001 e das estimativas para 2009. Ver, a respeito, Baldwin (2009).

²⁰ Nos setores em que essas redes são mais importantes – como, por exemplo, na produção têxtil, automobilística e eletro-eletrônica – a circulação internacional de partes, componentes e do próprio produto em suas várias etapas multiplica as transações internacionais (ver, por exemplo, Lall et al., 2004). O fenômeno é parte importante da explicação do crescimento do comércio intra-asiático.

Ao longo do processo de integração comercial, houve alterações profundas no *market-share* de países e regiões. Em 1980, 66,9% das exportações globais de bens originavam-se nas economias avançadas (Tabela 8). Em 2008, apenas 63,0%. Entretanto, a análise dos grandes agregados esconde mudanças ainda mais importantes no interior de cada bloco. Se excluirmos do bloco dos avançados os NIC asiáticos, revela-se uma queda (de 64,0% para 55,6%) muito mais pronunciada. Com efeito, o *market-share* do G7 contraiu-se em 9,1 pontos percentuais, com perdas acentuadas por parte dos Estados Unidos (e, mais moderadas, do Japão). O ganho da China foi de 7,8 pontos, praticamente esgotando (com o ganho de 1,6 ponto da Asean5) os 9,9 pontos conquistados pela região. A participação da Europa Central e Oriental aumentou e a da América Latina manteve-se constante, enquanto as demais regiões em desenvolvimento perderam participação.

Tabela 8
Participação nas exportações globais (em US\$ correntes) de bens (%)

	1980	1985	1990	1995	2000	2008
Economias avançadas	66.9	71.9	80.1	76.9	72.6	63.0
G7	45.6	48.9	53.4	48.8	45.7	36.5
Estados Unidos	11.2	11.3	11.7	11.3	12.1	8.2
Japão	6.5	9.1	8.5	8.6	7.4	5.1
Alemanha	9.5	9.5	12.5	10.2	8.6	9.5
União Européia	38.2	37.3	42.6	38.8	38.1	38.2
Eurolândia	30.4	29.6	36.4	33.6	29.7	29.9
Outras economias avançadas	9.3	11.5	14.5	16.5	15.9	14.8
NICs asiáticos	2.9	4.7	6.4	8.2	8.3	7.3
Economias em desenvolvimento	33.1	28.1	19.9	23.1	27.4	37.0
Ásia em Desenvolvimento	4.2	4.8	5.4	7.7	9.4	14.1
China	0.9	1.4	1.8	2.9	3.9	8.7
Índia	0.4	0.5	0.5	0.6	0.7	1.1
Asean5	2.3	2.4	2.6	3.9	4.5	3.9
América Latina e Caribe	4.3	4.2	3.4	3.5	4.8	4.3
Brasil	1.0	1.3	0.9	0.9	0.9	1.2
México	0.9	1.4	1.2	1.5	2.6	1.9
CEI	3.81	4.5	nd	2.2	2.3	3.7
Rússia	nd	nd	nd	1.6	1.6	2.5
Europa central e oriental	2.9	3.2	1.8	1.6	1.9	3.4
África	4.8	3.5	2.7	2.0	2.0	2.7
África sub-saariana	3.9	2.6	2.1	1.5	1.5	2.0
África do Sul	1.3	0.8	0.7	0.5	0.5	0.5
Oriente Médio	11.5	5.8	4.2	2.8	4.0	5.6

Fonte: WTO. Elaboração própria.

Merece consideração a enorme perda de *market-share* por parte das economias em desenvolvimento durante o primeiro ciclo da era da globalização. Dados da Organização Mundial do Comércio (OMC) mostram que, entre 1980 e 1990, as exportações (medidas em dólares correntes) dos países em desenvolvimento permaneceram praticamente estagnadas.²¹ O efeito da queda dos preços do petróleo sobre o valor das exportações do Oriente Médio é parte importante da explicação, assim como (em muito menor escala) a ausência de dados para a CEI em 1990; mesmo assim, fica claro o comportamento pouco dinâmico das exportações das demais regiões em desenvolvimento. A exceção é a Ásia em desenvolvimento que, com as economias avançadas, teve resultados favoráveis. No caso das últimas, os ganhos foram importantes mesmo excluindo do grupo as Outras economias avançadas (que, como se viu, abrangem os NIC asiáticos).²²

Só no período posterior a 1990 as economias em desenvolvimento aumentaram de forma mais rápida a sua participação nas exportações globais. O conceito de contribuição ao crescimento (Tabela 9) mostra, mais uma vez, e de forma eloquente, o significado desse aumento. Tendo contribuído, entre 1982 e 1990, com apenas 5,3% do crescimento das exportações globais, o conjunto das economias em desenvolvimento passou a responder, em 1991-2000 e 2001-2008, respectivamente, por 36,3% e 47,4% daquele; a contribuição do grupo ao crescimento das importações globais seguiu trajetória muito semelhante.

²¹ Enquanto as importações caíram de forma substancial, refletindo o ajustamento à crise da dívida externa dos anos 1980.

²² Excluindo o grupo das Outras economias avançadas, a fração das exportações globais originada dos países avançados aumenta de 57,6%, em 1980, para 65,7% em 1990 (caindo, a partir daí, para chegar a 58,2% em 2008).

Tabela 9
Contribuição (%) ao crescimento das exportações e das importações globais de bens
(US\$ correntes)

	Exportações			Importações		
	1982-1990	1991-2000	2001-2008	1982-1990	1991-2000	2001-2008
Economias avançadas	94.7	63.7	52.6	95.6	70.3	58.2
G7	61.8	37.0	27.6	62.9	46.3	32.6
Estados Unidos	11.7	12.0	5.3	17.0	24.4	9.5
Japão	9.9	5.5	3.2	6.8	4.6	4.0
Alemanha	16.2	5.0	9.5	13.0	3.5	7.3
União Européia	49.1	34.6	35.9	53.0	28.6	37.7
Eurolândia	44.8	23.4	27.9	42.6	19.8	28.0
Outras economias avançadas	20.0	16.6	13.5	18.5	15.4	13.4
NICs asiáticos	9.9	9.7	6.0	9.2	9.1	6.4
Economias em desenvolvimento	5.3	36.3	47.4	4.4	29.7	41.8
Ásia em Desenvolvimento	6.2	13.3	17.6	6.4	10.7	16.3
China	2.6	5.9	12.3	2.2	5.2	9.4
Índia	0.6	0.8	1.4	0.6	1.0	2.5
Asean5	2.8	6.2	3.6	3.4	4.1	3.8
América Latina e Caribe	2.0	6.5	4.0	1.5	6.7	4.2
Brasil	0.7	0.8	1.5	0.1	1.2	1.3
México	1.1	4.1	1.3	1.7	4.2	1.5
CEI	nd	nd	5.8	nd	nd	4.4
Rússia	nd	nd	3.8	nd	nd	2.6
Europa central e oriental	nd	2.0	4.6	0.8	3.2	6.2
África	1.4	1.5	3.6	0.1	1.1	3.1
África sub-saariana	1.2	1.1	2.7	-0.2	0.8	2.3
África do Sul	0.4	0.2	0.5	0.0	0.4	0.7
Oriente Médio	-2.0	4.4	8.3	-1.8	1.2	4.5

Fonte: WTO. Elaboração própria.

É quase desnecessário sublinhar, mais uma vez, a rapidez com que aumentou a contribuição asiática e, em particular, a chinesa. Mas é interessante ressaltar, no último período, o crescimento acentuado das contribuições da Europa Central e Oriental, da África e do Oriente Médio (refletindo, no último caso, sobretudo o comportamento dos preços do petróleo).

Na comparação entre os dois últimos ciclos, do ponto de vista dos países desenvolvidos, o que chama a atenção é, em primeiro lugar, a queda na contribuição norte-americana, tanto ao crescimento das exportações quanto ao crescimento das importações, trazendo implicações importantes (comentadas abaixo) para a distribuição dos saldos comerciais entre os países. Em segundo lugar, o aumento na

contribuição da União Europeia ao crescimento das importações, sem o qual a queda na contribuição das economias avançadas teria sido ainda maior. A participação dos Estados Unidos nas importações globais caiu fortemente – de 19,0% a 13,3% – entre 2000 e 2008, ao passo que a da União Europeia permaneceu praticamente estável, num patamar pouco inferior a 38%.

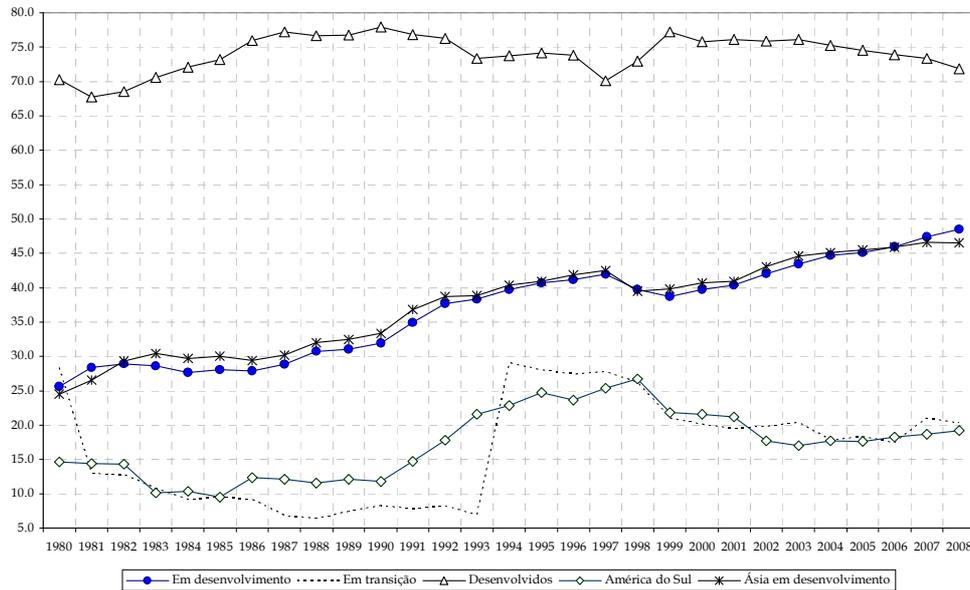
O dinamismo das exportações e importações dos países em desenvolvimento sugere um aumento importante no chamado comércio Sul-Sul. É o que, de fato, mostra o Gráfico 3, que deixa claro, ainda, que a tendência a uma crescente integração comercial entre os países em desenvolvimento tem ocorrido a despeito da morosidade – ou mesmo da reversão – do processo na América do Sul e nos chamados países em transição.²³ Em contrapartida, a integração entre os países desenvolvidos apenas oscila em torno ao nível – elevadíssimo – já atingido (mas fundamentalmente na União Europeia) no início da era da globalização.

A Tabela 10, embora traga os dados de apenas três anos (2002, 2007 e 2008), tem a vantagem de apresentar uma matriz relativamente completa do comércio internacional.²⁴ Alguns números merecem um comentário específico.

²³ Nos dados da Unctad, os NICs asiáticos fazem parte do grupo de economias em desenvolvimento. A integração comercial na África – muito inferior àquela na América do Sul e nas economias em transição – também deixou de crescer desde meados dos anos 1990.

²⁴ O grupo das economias em desenvolvimento, nessa tabela, foi obtido pela soma das exportações da América do Sul e Central, China, Outros asiáticos, CEI, África e Oriente Médio. O comércio do México está agregado ao de Estados Unidos e Canadá, na América do Norte, da mesma forma como o Leste Europeu é parte do grupo “outros europeus” e da Europa como um todo. Nos comentários, o grupo que contém os outros países asiáticos (exclusive China) será referido como um grupo de países em desenvolvimento, embora inclua os NICs asiáticos.

Gráfico 3
Comércio intra-regional
(% das exportações totais de bens, regiões selecionadas, 1980-2008)



Fonte: UNCTAD/HS.

Nos três países ou regiões desenvolvidos (Estados Unidos, União Europeia e Japão), as exportações para a Ásia em desenvolvimento (grupo Outros asiáticos) superaram, em larga medida, as exportações para qualquer outra região em desenvolvimento singularmente considerada. No caso japonês, a fração aumentou de forma significativa no período considerado, tendo passado de 41,2% a 49,4% do total. Em 2008, só para os Estados Unidos o mercado da América do Sul e Central superava o chinês. Os Estados Unidos foram, aliás, particularmente bem-sucedidos em aumentar seu *market share* nos mercados dinâmicos dos países em desenvolvimento.

Tabela 10
Matriz de comércio internacional
(% das exportações de cada país ou região, anos selecionados)

Destino		América do Norte		América do Sul e Central	Europa			CEI	África	Oriente Médio	Ásia					Em desenv.	
		Total	Estados Unidos		Total	EU (27)	Outros europeus				Total	Japão	Austrália/ Nova Zelândia	Outros asiáticos			
Origem																	
Estados Unidos	2000	37.0	-	7.5	23.6	21.6	2.0	0.4	1.4	2.4	27.6	8.4	1.9	17.3	2.1	15.2	29.0
	2002	37.3	-	7.3	23.1	21.2	1.9	0.6	1.5	2.7	27.4	7.4	2.1	17.8	3.2	14.6	30.0
	2007	33.6	-	9.2	23.7	21.3	2.5	0.9	2.1	3.9	26.5	5.3	1.9	19.3	5.5	13.8	35.4
	2008	32.1	-	10.5	24.2	21.1	3.1	1.1	2.2	4.3	25.6	5.1	1.9	18.6	5.4	13.2	36.7
União Européia	2000	10.3	8.9	1.7	73.5	68.0	5.5	1.3	2.4	2.2	7.5	1.7	0.7	5.1	1.0	4.1	nd
	2002	10.2	8.8	1.5	73.3	67.4	5.9	1.7	2.5	2.4	7.4	1.5	0.7	5.1	1.2	3.9	13.2
	2007	7.9	6.6	1.4	73.9	68.1	5.7	3.3	2.6	2.5	7.4	1.1	0.6	5.7	1.8	3.9	15.4
	2008	7.4	6.1	1.5	73.1	67.4	5.8	3.7	2.9	2.6	7.5	1.0	0.7	5.8	1.9	3.8	16.5
Japão	2000	32.7	30.0	1.7	17.8	16.8	1.0	0.2	0.9	2.0	43.3	-	2.1	41.2	8.9	32.3	46.0
	2002	31.6	28.9	1.6	16.1	15.3	0.8	0.3	0.9	2.7	45.5	-	2.3	43.2	12.6	30.6	48.7
	2007	23.0	20.1	2.1	15.8	14.8	1.0	1.8	1.5	3.7	50.5	-	2.3	48.2	18.2	30.0	57.2
	2008	20.2	17.6	2.5	15.3	14.1	1.2	2.5	1.6	4.4	51.9	-	2.5	49.4	18.5	30.9	60.3
América do Sul e Central	2000	39.5	35.8	25.6	19.6	18.3	1.3	0.7	1.4	2.1	9.7	3.3	0.3	6.1	1.8	4.3	35.9
	2002	37.4	33.2	22.7	20.7	19.1	1.6	1.2	2.1	2.1	11.5	2.8	0.3	8.4	3.1	5.3	36.5
	2007	30.1	26.3	24.7	21.2	19.4	1.8	1.3	2.8	1.8	16.0	3.2	0.3	12.6	6.8	5.7	43.2
	2008	28.2	24.9	26.5	20.2	18.2	2.0	1.5	2.8	2.0	16.8	2.9	0.4	13.5	7.4	6.1	46.2
China	2002	30.0	27.2	2.1	18.4	17.4	1.0	1.6	2.1	2.8	36.2	15.7	2.1	18.4	-	18.4	27.0
	2007	26.8	23.7	3.2	26.1	24.5	1.5	3.9	3.0	3.6	33.3	10.2	2.0	21.0	-	21.0	34.8
	2008	24.5	21.6	4.0	26.0	24.6	1.4	4.5	3.5	4.1	33.3	9.7	2.1	21.5	-	21.5	37.6
Outros asiáticos	2002	21.5	19.6	1.5	16.4	15.5	0.9	0.5	1.6	3.2	54.7	10.2	2.4	42.1	11.8	30.3	48.8
	2007	14.6	12.9	2.1	15.4	14.2	1.2	1.1	2.5	4.3	59.0	8.1	2.8	48.2	16.6	31.5	58.2
	2008	13.0	11.4	2.5	14.8	13.7	1.2	1.2	2.8	4.9	59.4	8.2	3.1	48.1	15.6	32.5	59.6
Em desenvolvimento	2002	21.9	19.8	3.8	22.6	20.6	2.0	2.3	2.7	3.6	39.7	10.0	1.6	28.2	6.7	21.5	40.7
	2007	18.1	16.1	4.3	24.3	21.8	2.5	3.6	3.4	5.0	39.7	8.7	1.5	29.5	8.1	21.4	45.7
	2008	16.8	14.8	4.8	24.5	22.0	2.5	3.8	3.5	5.2	39.8	8.3	1.6	29.9	8.0	21.9	47.3

Fonte: WTO, *International Trade Statistics e Statistics Database*.

A importância dos Estados Unidos como destino das exportações, por seu turno, caiu, após 2002, para todas as regiões consideradas. O movimento foi particularmente expressivo nos casos do Japão (30,0% para 17,6% das exportações entre 2000 e 2008), da América do Sul e Central (de 35,8% para 24,9%), da China (de 27,2% em 2002 para 21,6% em 2008) e dos Outros asiáticos (de 19,6% para 11,4%, também entre 2002 e 2008). No caso da União Europeia, a variação, embora mais discreta, foi suficiente para que, nos últimos anos, o mercado asiático ultrapassasse o norte-americano; as vendas para a China, embora tenham aumentado em termos relativos, são ainda uma fração diminuta das exportações totais do bloco europeu.

Por outro lado, os mercados europeu e asiático (este tomado como um todo) têm importância praticamente igual para os Estados Unidos, ficando atrás somente da fração que cabe às exportações para a América do Norte (Canadá e México).

Os dados mostram, ainda, o crescimento explosivo – de 9,7% em 2000 para 16,8% em 2008 – da participação da Ásia nas exportações da América do Sul e Central para a região asiática. Note-se que esse crescimento se deveu integralmente ao aumento das exportações para a Ásia em desenvolvimento (de 6,1% do total em 2000 para 13,5% em 2008), muito maiores do que aquelas destinadas a Japão e Oceania. Em 2008, os principais mercados latino-americanos, porém, estavam na própria região (26,5%), nos Estados Unidos (26,5%) e na Europa (20,2%).

A natureza peculiar da integração asiática também é ressaltada pelos dados. Nenhum outro país ou região desenvolvidos destina a países em desenvolvimento parcela tão alta das suas exportações quanto o Japão; o aumento dessa parcela, no período, deveu-se ao crescimento do comércio com a China. Esta, por sua vez, coloca algo em torno de 35% de suas exportações no mercado asiático, proporção que sobe a quase 60% no caso dos demais países em desenvolvimento da região. Em 2007 e 2008, para ambos (China e demais em desenvolvimento), o mercado europeu superou em importância o mercado norte-americano. A fração relativa do mercado latino-americano aumentou durante o período (quase dobrando no caso chinês); apesar disso, sua importância, em 2008, ainda era diminuta (4% das exportações chinesas e

2,5% das exportações dos demais países em desenvolvimento da região) e, mesmo, inferior àquela das exportações para o continente africano. De toda forma, fica evidente que a China conseguiu, no período, reduzir de forma importante a dependência do mercado norte-americano.

2.2 Estrutura tecnológica do comércio internacional

Uma dimensão crucial para a conexão entre crescimento e comércio internacional é a que diz respeito à natureza das mercadorias que compõem a pauta exportadora e importadora dos diferentes países e regiões. Não é o caso de detalhar, aqui, a tradição longeva segundo a qual o crescimento depende fortemente daquilo que cada país produz e se torna competitivo para exportar (ver, por exemplo, Reinert, 1994). Convém apenas ressaltar que essa tradição, além de longeva, é atual. Nos últimos anos, diferentes autores têm aprofundado, com novos aportes teóricos e metodológicos,²⁵ a associação entre diversificação produtiva (particularmente por intermédio da industrialização e da produção de mercadorias mais intensivas em tecnologia e “sofisticadas”), comércio exterior e crescimento econômico. Tais aportes retomam conexões smithianas (entre diversificação produtiva e aumento da produtividade) e cepalinas (entre diversificação produtiva, com a produção de bens de maior elasticidade-renda, e redução da restrição externa ao crescimento).

O que se segue é uma breve descrição de algumas tendências do comércio internacional, com base em um procedimento metodológico já tradicional,²⁶ que consiste, basicamente, em classificar os bens transacionados segundo a intensidade com que empregam, para sua produção, os chamados fatores produtivos. Tal metodologia tem sido empregada, com variações, por instituições como Unctad, OCDE e Unido.

²⁵ Ver, por exemplo, Lall et al. (2005), Hausmann et al. (2005), e Rodrik (2006a e 2006b).

²⁶ Mas não isento de críticas, dado o caráter estático da classificação das mercadorias.

Na Tabela 11,²⁷ diferenciam-se os produtos em primários, energéticos, intensivos em trabalho e recursos naturais e, finalmente, em três categorias de produtos manufaturados de baixa, média ou alta intensidade tecnológica (ou HT, de *high-tech*).²⁸ O arranjo permite uma primeira aproximação à tese segundo a qual, justamente, há conexões importantes entre as exportações de produtos mais intensivos em tecnologia e o desempenho econômico.

Tabela 11
Estrutura tecnológica das exportações globais (%)

	1985	1990	1995	2000	2005	2008
Primários	17.8	15.9	14.9	11.5	11.5	12.8
Energia	13.2	8.4	5.8	10.1	12.5	13.5
Intensivos em trabalho e recursos naturais	12.0	14.4	14.6	13.0	11.5	10.1
Baixa intensidade tecnológica	7.7	7.0	6.9	5.8	6.8	7.9
Média intensidade tecnológica	24.2	26.3	25.9	24.9	24.2	23.6
Alta intensidade tecnológica	21.0	23.1	26.5	29.2	27.7	25.3
Não classificados	4.1	4.8	5.5	5.5	5.8	6.8
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: UN/Comtrade.

Nota: Exportações medidas em dólares correntes.

De uma ponta a outra, os números mostram uma queda (importante) na participação dos produtos primários e outra (moderada) na dos intensivos em trabalho e recursos naturais. A estrutura se moveu, claramente, na direção dos produtos de alta intensidade tecnológica, cuja participação aumentou de 21,0% a 25,3% do comércio global (tendo chegado a 29,2% em 2000), com pequenas variações nas demais categorias.

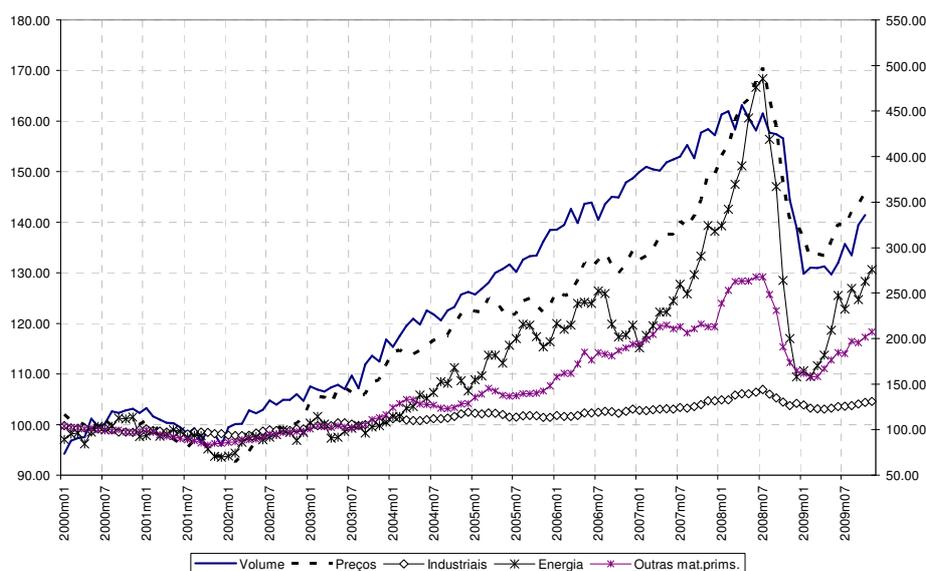
Entre 2000 e 2008, porém, a categoria HT perdeu um espaço considerável. Seria imprudente, porém, interpretar esse fato como um indício de uma reversão das

²⁷ Informações provenientes do Comtrade. Essa base de dados das Nações Unidas traz, para cada país, os números (*em dólares correntes*) do comércio exterior. Foi aqui utilizada a revisão 2 da SITC (Standard International Trade Classification), que permite a cobertura do período 1985-2005.

²⁸ A classificação é, no essencial, aquela empregada nos *Trade and Development Reports* publicados pela Unctad. A Unctad, porém, desconsidera o comércio internacional de combustíveis (carvão, petróleo, gás natural). Os pesquisadores do Neit-Unicamp (ver Neit, 2007) agruparam alguns dos itens desprezados numa nova categoria, aqui denominada “energia”. Para uma classificação alternativa (e utilizada pela Unido), ver Lall (2000).

tendências apontadas – e, em particular, como um estímulo ao abandono, por parte de países dotados de forte base em recursos naturais, de políticas de apoio à indústria e aos setores mais intensivos em tecnologia.²⁹ Isso porque a perda de participação relativa no comércio de bens de alta (e média) intensidade tecnológica teve como principal contrapartida o ganho por parte dos energéticos, historicamente sujeitos – como se pode constatar por seu comportamento nos vários anos – a flutuações acentuadas. Os produtos intensivos em trabalho e recursos naturais perderam participação. Finalmente, o ganho dos produtos primários foi modesto, a despeito do pronunciado aumento em seus preços (ver Gráfico 4)³⁰ durante o período.

Gráfico 4
Comércio internacional, preços
(geral, industriais, energia e outras matérias-primas) e volume (2000=100)



Fonte: Trade Monitor/ Netherlands Bureau for Economic Policy Analysis

²⁹ Vale lembrar que, desde os anos 1990, muitos países em desenvolvimento vêm assinando – no quadro do chamado “novo regionalismo” – acordos bilaterais com países desenvolvidos cujas provisões, frequentemente, reduzem enormemente as possibilidades de implementar políticas industriais e comerciais.

³⁰ O qual, trazendo a impressionante queda dos preços dos produtos primários em 2008, é também sugestivo das variações de termos de troca a que estão sujeitos os países cujas pautas de exportações concentram-se nesses produtos.

A Tabela 12, por fim, traz a estrutura tecnológica de alguns dos principais países da Ásia em Desenvolvimento (inclusive Coreia do Sul) e da América Latina. Os números mostram, de 1990 a 2008, a perda de participação dos primários e o ganho por parte de produtos de alta (e média) intensidade tecnológica, reproduzindo as tendências já descritas para o comércio internacional tomado como um todo; a única exceção, desse ponto de vista, foi a Venezuela. Além disso, repetiu-se aqui, para todos – fora China e, novamente, a Venezuela – a recuperação parcial dos primários após 2008; no caso desta última, sendo o petróleo a principal mercadoria exportada, o aumento refletiu-se no item energia.

O peso na pauta exportadora dos produtos de média e alta tecnologia é, em geral, muito mais elevado nos países asiáticos do que nos latino-americanos. Fogem um pouco ao padrão Índia (cujas exportações de serviços não são captadas pelos dados do Comtrade), Indonésia e México, que se destaca, na América Latina, pelo peso dos produtos de média e alta tecnologia.

A experiência mexicana motiva um último comentário: a interpretação do significado dos índices de conteúdo tecnológico do comércio exterior deve ser feita com muita cautela, tendo em vista a crescente importância das chamadas “redes internacionais de produção” – de que a maquila mexicana é um exemplo notório. Com a fragmentação do processo produtivo, amplia-se, nas pautas exportadoras de muitos países em desenvolvimento, o peso relativo de produtos classificados como de média ou alta tecnologia. Muitas vezes, porém, as transformações parciais sofridas, no país, pelo produto exportado, têm implicações pouco relevantes em termos de valor agregado, geração de emprego e disseminação de tecnologia (Akyüz, 2005).

Tabela 12
Estrutura tecnológica das exportações de países asiáticos e latino-americanos selecionados (%)

	China			Coreia do Sul			Índia			Indonésia		
	1990	2000	2008	1990	2000	2008	1990	2000	2008	1990	2000	2008
Primários	18.3	8.4	4.6	5.4	3.7	4.0	25.3	17.0	18.1	20.5	17.4	31.9
Energia	8.4	3.2	2.2	1.1	5.5	9.1	2.9	4.3	18.1	43.8	25.2	29.0
Intensivos em trabalho e recursos naturais	38.0	35.9	23.8	34.5	14.0	4.4	48.6	46.8	23.6	28.7	29.7	15.7
Baixa intensidade tecnológica	5.5	9.0	12.2	15.0	10.9	17.7	4.6	6.8	10.8	1.7	2.4	3.4
Média intensidade tecnológica	12.3	15.2	19.5	12.9	20.1	25.7	6.3	7.1	11.1	1.0	6.1	8.9
Alta intensidade tecnológica	13.3	25.4	35.5	27.5	43.4	37.7	8.9	12.2	13.5	3.2	17.3	9.6
	Malásia			Filipinas			Tailândia			Argentina		
	1990	2000	2008	1990	2000	2008	1990	2000	2008	1990	2000	2008
Primários	27.4	9.2	15.8	28.6	6.9	13.2	34.8	18.9	19.3	62.6	48.1	56.4
Energia	18.3	9.6	18.3	2.2	1.3	3.3	0.8	3.2	6.4	8.0	17.7	9.6
Intensivos em trabalho e recursos naturais	10.6	8.5	6.7	17.4	11.4	8.2	30.5	16.8	9.8	9.0	6.8	3.6
Baixa intensidade tecnológica	2.7	1.8	3.8	1.6	1.0	1.4	2.7	3.7	5.4	7.5	3.2	2.5
Média intensidade tecnológica	6.9	9.7	9.9	4.0	10.2	15.1	7.7	17.7	24.9	4.9	12.8	14.7
Alta intensidade tecnológica	31.7	59.3	32.5	11.9	68.1	57.4	18.6	34.7	29.0	7.5	9.1	9.9
	Brasil			Chile			México			Venezuela		
	1990	2000	2008	1990	2000	2008	1990	2000	2008	1990	2000	2008
Primários	44.7	38.1	43.8	85.7	79.6	82.6	18.8	6.8	8.5	9.7	5.0	2.1
Energia	2.2	1.6	9.4	0.5	1.1	1.4	37.5	9.7	17.2	80.1	86.1	93.8
Intensivos em trabalho e recursos naturais	12.6	12.3	6.2	3.3	4.5	2.6	5.0	11.7	6.3	2.0	1.1	0.1
Baixa intensidade tecnológica	13.1	8.2	9.3	1.5	1.5	2.1	4.3	4.7	5.2	4.0	3.2	2.3
Média intensidade tecnológica	15.1	18.4	16.6	0.9	2.8	1.9	22.8	39.2	33.7	1.8	1.5	0.4
Alta intensidade tecnológica	10.6	18.2	11.3	3.8	6.0	5.0	10.3	26.6	26.6	2.0	2.9	1.1

Fonte: UN/COMTRADE. Elaboração própria.

Notas: Exportações medidas em dólares correntes. Os dados relativos a bens não-classificados foram omitidos.

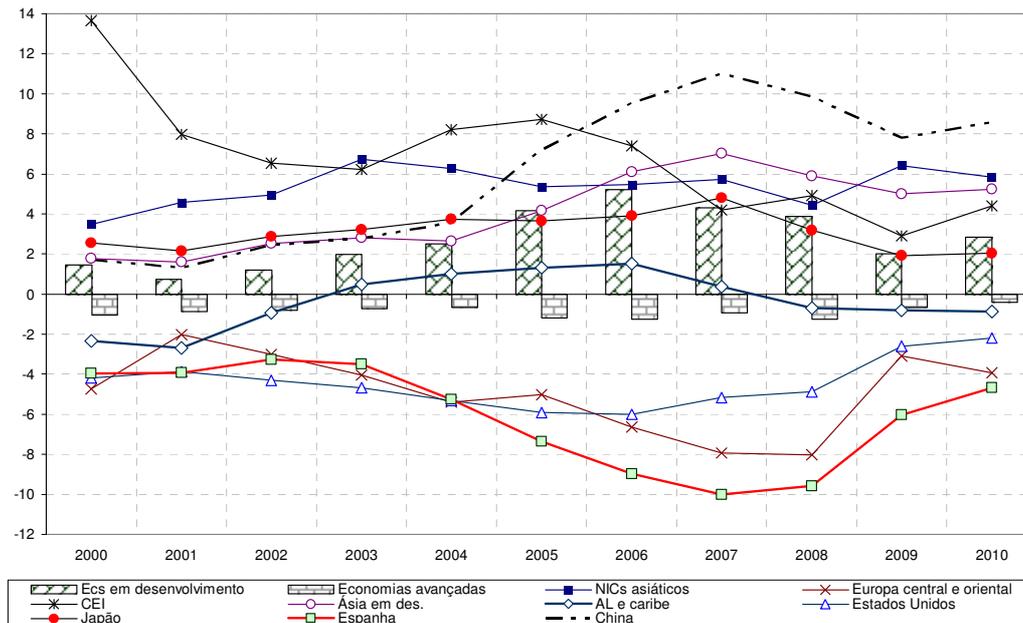
3. Saldo da balança comercial

Durante a era da globalização – e particularmente com os dois últimos ciclos – a noção de “desequilíbrios globais” tornou-se familiar até mesmo aos leitores da imprensa não especializada. O fenômeno, inequívoco, está associado às contas externas norte-americanas. Desde 1982, o saldo em transações correntes permaneceu no vermelho (atingindo um primeiro vale em 1987, quando foi de -3,4% do PIB do país), com a exceção de 1991, a partir de quando voltou a cair, chegando a -6,0% do PIB em 2005 e 2006. Mais do que isso, entre 1982 e 2010 (segundo as estimativas do FMI), com a exceção, mais uma vez, de 1991, os Estados Unidos foram os campeões mundiais do déficit em transações correntes. Estes déficits externos estiveram associados, de diferentes formas, aos déficits financeiros – e consequente

endividamento - de diferentes setores da economia norte-americana, como firmas (financeiras e não financeiras), famílias e governo.³¹

A contrapartida externa foram, é claro, os superávits em conta corrente de diferentes países (com implicações internas inversas àquelas nos Estados Unidos, ou seja, superávits financeiros em diferentes setores). Entre 1982 e 2005, o déficit norte-americano teve no superávit japonês um reflexo imperfeito, mas relativamente fiel. Depois daquele último ano, porém, o superávit chinês superou o de seu vizinho asiático. Durante a expansão recente aumentaram fortemente, também, os superávits de países como Alemanha, Arábia Saudita e Rússia.

Gráfico 5
Saldo em transações correntes, países e regiões selecionados
(% do PIB, 2000-2010)



Fonte: IMF/WEO.

³¹ Tal implicação foi sistematicamente ressaltada pelos trabalhos realizados no Levy Institute. Ver, por exemplo, Godley (1999) e Dos Santos (2004). Para uma discussão metodológica mais ampla, ver Barbosa et al. (2009) e Dos Santos e Macedo e Silva (2010).

Além disso, configurou-se uma situação raríssima no cenário global: os países em desenvolvimento, como um todo, passaram a exibir superávit a partir de 2000 (o que não ocorria desde 1980), atingindo um pico (ver Gráfico 5)³² de 5,2% do PIB do grupo em 2006. A Ásia em desenvolvimento já acumulava superávits desde o fatídico (e pedagógico)³³ ano de 1997. A virada, no caso latino-americano, deu-se somente em 2003 e não foi além de 2007. No caso africano, a bonança foi ainda mais curta (2007-2008). A Europa Central e Oriental, porém, permaneceu no negativo a partir de 1995.

Convém retornar, porém, a uma abordagem mais restrita das transações internacionais, centrada no saldo da balança comercial de países e regiões. De fato, é ao déficit comercial dos Estados Unidos que os analistas associam o papel do país como “consumidor em última instância”. A idéia é que os Estados Unidos, como emissores da *top currency* (Cohen, 1998), podem incorrer em déficits em princípio ilimitados, sendo eles saldados por pagamentos efetuados em sua própria moeda.³⁴ A demanda norte-americana por mercadorias importadas seria um dos principais motores da economia global, estimulando a “fábrica asiática” – responsável pelo suprimento de bens manufaturados produzidos por redes internacionais de produção – e, a partir dela, produtores de matérias-primas dentro e fora da própria região asiática (como, por exemplo, na América Latina).

É inegável que o déficit comercial norte-americano opera como uma fonte importante de demanda para o resto do mundo. No início do ciclo recente, esse déficit representava 61% do “déficit total” (a somatória dos saldos comerciais de todos os países deficitários). Mas também é verdade que essa proporção baixou

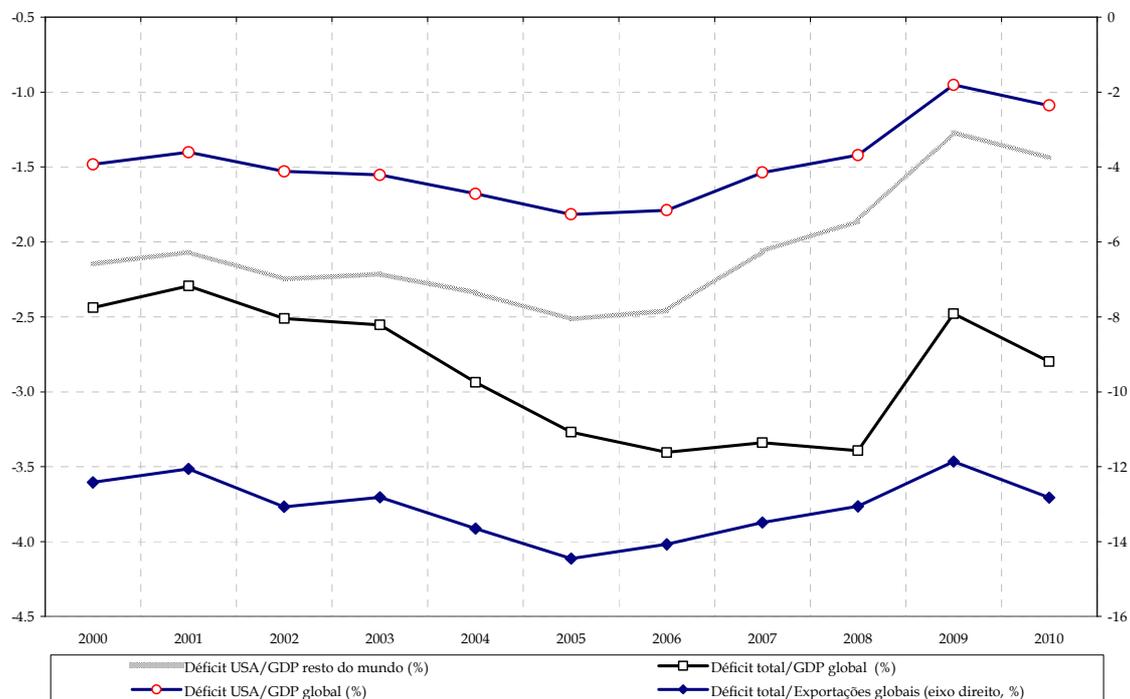
³² O gráfico exclui o Oriente Médio, cujo superávit em conta corrente avizinhou os 20% do PIB entre 2005 e 2008, para facilitar a visualização, mas inclui, além dos grupos com que se veio trabalhando, a Espanha (que tem registrado o segundo maior déficit em conta corrente, em termos absolutos, durante os anos 2000) e a China.

³³ Uma vez que a experiência da crise financeira de 1997/1998 determinou a adoção de uma política voltada à obtenção de superávits correntes e à consequente acumulação de reservas.

³⁴ Ver, por exemplo, Serrano (2002).

significativamente a partir de 2003,³⁵ caindo para 38% em 2009.³⁶ O Gráfico 6 mostra que a relação entre o déficit comercial norte-americano e o PIB global (ou o PIB do resto do mundo) atingiu um pico em 2005, de 1,8% para o primeiro indicador e 2,5% para o segundo, valores relativamente moderados.³⁷ Outro ponto de interesse é a abertura do diferencial entre o déficit norte-americano e o “déficit total”, que continuou a aumentar, em relação ao PIB global, nos anos de 2005 e 2006.³⁸

Gráfico 6
Desequilíbrios na balança comercial (%)



Fonte: UN/DESA/DEPAD e IMF/WEO.

³⁵ De 2004 a 2007, o diferencial entre o crescimento da economia global e o da economia norte-americana aumentou substancialmente, mantendo-se elevado até 2009, o que é decerto uma parte da explicação.

³⁶ Estimativas do Department of Economic and Social Affairs (DESA) das Nações Unidas. A metodologia empregada pelo DESA é discutida em Izurieta e Voss (2009).

³⁷ Obviamente, o déficit norte-americano exerce outros tipos de impacto sobre o crescimento global, dadas suas conexões com o investimento, a diversificação produtiva e a disseminação de tecnologia em outros países. Ver Macedo e Silva (2006).

³⁸ Note-se ainda a forte contração, em 2009, da razão entre déficit total e PIB global (como da razão déficit total/exportações globais), ocorrida como parte do processo de ajustamento em face da crise financeira.

A Tabela 13 fornece algumas pistas sobre as regiões e países que sofreram forte deterioração das contas comerciais durante o período. Medida em valores absolutos, essa deterioração, entre 2001 e 2008, ocorreu principalmente na União Europeia, seguida por Europa Central e Oriental, Índia, NIC asiáticos, África do Sul e Asean5 (Filipinas e Tailândia).³⁹ A agregação por regiões, porém, esconde o fato de que, em 2008, 92 países em desenvolvimento (dos 149 para os quais o FMI apresenta os dados) tinham déficits comerciais (muitos dos quais na América Latina, incluindo países do porte do México e da Colômbia), enquanto 107 tinham déficits em transações correntes.

Tabela 13
Saldo na balança comercial (US\$ bilhões correntes, 2000-2010)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Economias avançadas	-295	-225	-201	-297	-392	-631	-564	-668	-776	-521	-630
G7	-346	-316	-294	-383	-480	-685	-680	-686	-787	-506	-586
Estados Unidos	-476	-447	-507	-579	-704	-824	-878	-849	-865	-545	-659
Alemanha	57	97	137	163	212	197	231	299	304	239	248
Japão	100	56	116	89	111	80	168	92	19	6	37
União Européia	-27	34	81	86	38	-52	-97	-121	-163	-75	-149
Eurolândia	40	108	168	179	165	91	86	118	72	89	67
Outras economias avançadas	58	80	68	68	110	94	171	114	85	62	41
NICs asiáticos	35	42	29	29	60	44	105	46	17	3	-27
Economias em desenvolvimento	226	161	181	241	307	502	696	651	816	446	472
Ásia em Desenvolvimento	74	47	54	54	36	85	164	224	164	91	36
China	24	23	30	25	32	102	177	264	298	244	227
Índia	5	-7	-7	-13	-23	-41	-57	-73	-134	-102	-127
Asean5	53	40	37	44	37	35	60	58	27	-10	-17
América Latina e Caribe	-10	-12	11	34	49	68	89	73	34	79	86
Brasil	0	4	13	25	34	45	46	42	27	44	44
México	-12	-10	-8	-5	-8	-8	-6	-10	-16	12	8
CEI	73	62	65	80	116	153	173	155	258	108	113
Rússia	69	58	61	76	106	143	163	153	203	89	99
Europa central e oriental	-62	-46	-56	-71	-87	-105	-120	-161	-179	-109	-159
África	28	16	7	8	9	28	45	2	41	12	36
África sub-saariana	19	8	4	3	1	9	19	-20	-3	-8	4
África do Sul	0	0	-3	-3	-7	-8	-16	-16	-14	-5	-4
Oriente Médio	95	66	75	104	144	226	288	286	438	211	302

Fonte: UN/DESA/DEPAD.

Esses números indicam que – assim como o crescimento econômico – a conquista de uma situação mais segura do ponto de vista das contas externas foi obtida por um conjunto relativamente pequeno de países em desenvolvimento. Com

³⁹ Tomando-se os países que apresentavam déficits comerciais em 2008, pode-se identificar os principais casos de deterioração das contas comerciais. Foram (sempre em ordem decrescente), na União Europeia, Reino Unido, Espanha, França, Grécia, Polônia, Romênia, Portugal e Itália; na Europa Central e Oriental, Turquia, seguida por Polônia e Romênia; na região dos NICs, Hong Kong e Coreia do Sul; na Asean5, Filipinas e Tailândia.

efeito, excluindo da somatória dos países em desenvolvimento os números positivos de China, exportadores de petróleo (Oriente Médio e CEI) e Brasil, as contas do grupo voltam ao vermelho para a maior parte dos anos do ciclo recente, e aí permanecem na estimativa para 2009 e na previsão para 2010.

Conclusão

Esse artigo procurou evidenciar a combinação de fenômenos bem mapeados e fatos novos que contribuem à composição da geografia econômica do mundo contemporâneo. A “novidade” está no fato de que a dinâmica da produção e do comércio exterior respondeu crescentemente à contribuição dos países em desenvolvimento. Mas se constata que há pouco de novo sob o sol, quando se considera a concentração dessa dinâmica num grupo reduzido de países (asiáticos), e se tem em conta a intensidade com que têm eles buscado (ativamente) a criação de vantagens competitivas e a sofisticação de suas pautas exportadoras. A “convergência” continua sendo um apanágio de poucos países.

Tudo indica que os próximos anos colocarão à prova, sob condições penosas, as promessas da era da globalização de promover e disseminar crescimento, estabilidade e convergência.

A crise financeira recente parece evidenciar o esgotamento da longa “fuga para a frente”, baseada no aumento do endividamento norte-americano e na introdução descontrolada de inovações financeiras. Parte importante dos analistas da cena internacional prevê um período prolongado de baixo crescimento nas economias avançadas. Isso porá à prova o dinamismo da “fábrica asiática” – e tanto mais quanto mais bem sucedido for o esforço norte-americano em continuar reduzindo a razão entre o déficit em transações correntes e o PIB do país. Porá à prova, portanto, também o processo de crescimento daqueles países que se conectaram ao crescimento sino-americano por engrenagens (como a das exportações

de *commodities*) que só lhes permitiram obter taxas mais moderadas de crescimento. Num tal quadro, a manutenção do crescimento chinês exigiria, como ressaltam muitos, a adoção de medidas que elevassem substancialmente o peso do consumo na demanda agregada. O cenário alternativo seria uma desaceleração ainda mais profunda do crescimento global. Em qualquer dos cenários, países com o tamanho econômico do Brasil e que atingiram seu grau de diversificação produtiva certamente têm a possibilidade de ousar refletir – como Estados Unidos e China, entre outros, vêm fazendo – de forma soberana sobre políticas econômicas que determinem uma composição da demanda e uma inserção externa compatíveis com o objetivo central de promover o crescimento econômico e aprimorar a distribuição da riqueza e da renda no país.

Bibliografia

- Akyüz, Y. (2005). Impasses do desenvolvimento. *Novos Estudos*, 72, julho.
- Baldwin, R. 2009, org. *The Great Trade Collapse – causes, consequences and prospects*. Disponível em http://www.voxeu.org/reports/great_trade_collapse.pdf.
- Barbosa-Filho, N; Rada, C; Taylor, L; and Zamparelli, L. 2006. *Fiscal, foreign, and private net borrowing: Widely accepted theories don't closely fit the facts*. New School University, New York.
- Belluzzo, L. G. (2006). As transformações da economia capitalista no pós-guerra e a origem dos desequilíbrios globais. In Carneiro (2006).
- Carneiro, R. (org.) *A supremacia dos mercados e a política econômica do governo Lula*. São Paulo: Ed. Unesp.
- Cohen, B. 1998. *The Geography of money*. Ithaca: Cornell University Press.
- Dos Santos, C. H. 2004. Notas sobre a crescente (e peculiar) fragilidade financeira do capitalismo norte-americano. *Economia e Sociedade*, v. 13, n. 2 (23), p. 23-49, jul./dez. 2004.
- Dos Santos e Macedo e Silva, A. C. 2009. Revisiting New Cambridge: the three financial balances in a general stock-flow consistent applied modeling strategy. *Textos para Discussão 169*, IE/Unicamp.
- Godley, W. 1999. *Seven Unsustainable Processes, Special Report*, Levy Economics Institute of Bard College, Annandale-on-Hudson, N.Y.

- Hausmann, R. J. Hwang and D. Rodrik. 2005. What you export matters. *NBER Working paper* 11905. National Bureau of Economic Research, Cambridge MA.
- Islam, N. 2003. What have we learnt from the convergence debate? *Journal Of Economic Surveys* Vol. 17, No. 3, 309-362.
- Izurieta, A. & Voss, R. 2009. Measuring the impact of the global shocks on trade balances via price and demand effects. http://www.un.org/esa/policy/publications/wespwevm/monitor_note.pdf
- Lall, S. 2000. The Technological Structure and Performance of Developing Country Manufactured Exports, 1985-1998. *Oxford Development Studies*, 28(3): 337-369.
- Lall, S., Albaladejo, M. & Zhang, J. 2004. Mapping Fragmentation: Electronics and Automobiles in East Asia and Latin America. *QEH Working Paper Series* 115.
- Lall, S., Weiss, J. & Zhang, J. 2005. The ‘sophistication of exports: a new measure of product characteristics’. *ADB Institute Discussion Paper* 23, January.
- Macedo e Silva, A. C. 2006. A montanha em movimento: uma notícia sobre as transformações recentes da economia global. In Carneiro, 2006.
- Macedo e Silva, A. C. 2007. Convergência e desigualdade na economia global. *Textos para Discussão* 134, I.E./Unicamp.
- Maddison, A. 2001 *The World Economy: A Millennial Perspective*. Paris, OECD.
- Milanovic, B. 2005. *Worlds apart – measuring international and global inequality*. Princeton: Princeton University Press.
- Milanovic, B. 2009. *Global Inequality Recalculated: The Effect of New 2005 PPP Estimates on Global Inequality*, <http://ssrn.com/abstract=1441544>.
- NEIT 2007. Evolução do Comércio Exterior Brasileiro no Período 2002-2006. *Boletim NEIT*, 8, abril, www.eco.unicamp.br/Neit/download/boletim/boletim_neit_08.pdf.
- Reinert, E. S. 1994. Catching-up From Way Behind. A Third World Perspective on First World History. In J. Fagerberg and B. Verspagen, B. & N. Von Tunzelman, *The Dynamics of Technology, Trade and Growth*. London: Edward Elgar.
- Rodrik, D. 2006a. *Industrial development: stylized facts and policies*. Harvard University, August, mimeo.
- Rodrik, Dani 2006b. *What's so special about China's exports?* Harvard University, August.
- Schreyer, P. e Koechlin, F. (2002). Purchasing power parities – its measurement and uses. *OECD Statistics Brief*, March No. 3.
- Serrano, F. (2002). Do ouro imóvel ao dólar flexível. *Economia e Sociedade*, 19.

Stock, J. H. e Watson, M. W. 2003. *Has the Business Cycle Changed? Evidence and Explanations*. Prepared for the Federal Reserve Bank of Kansas City symposium, "Monetary Policy and Uncertainty," Jackson Hole, Wyoming, August 28 – 30, 2003.

Bases de Dados

The Conference Board, *Total Economy Database, June 2009*, www.conference-board.org/economics.

IMF, *International Financial Statistics*, <http://www.imfstatistics.org/imf/logon.aspx> .

IMF, *World Economic Outlook*, <http://www.imf.org/external/ns/cs.aspx?id=28> .

Maddison, A. *Statistics on World Population, GDP and Per capita GDP, 1-2008 AD*, <http://www.ggd.net/maddison/> .

Netherlands Bureau for Economic Policy Analysis, *World-trade database*, <http://www.cpb.nl/eng/research/sector2/data/trademonitor.html> .

United Nations, *Comtrade*. <http://comtrade.un.org/>.

UNCTAD, *Handbook of statistics* www.unctad.org .

World Bank – *World Development Indicators*. web.worldbank.org/ .

World Trade Organization, *International Trade Statistics*, http://www.wto.org/english/res_e/statis_e/statis_e.htm e *Statistics Database*, <http://stat.wto.org/Home/WSDBHome.aspx?Language=E>.